



REPRESENTAÇÕES DA NAÇÃO NO ROMANCE ANGOLANO

Adriano Carlos Moura

(Mestre em Cognição e Linguagem- UENF/ IFFluminense)

Resumo: A relação entre literatura e a construção da identidade nacional é fator verificável em diferentes momentos da periodização histórico-literária. O Romantismo, no Brasil, talvez tenha sido o período em que essa relação se tornou mais evidente. Em termos cronológicos, o conceito moderno de nação começa a surgir no mesmo século em que o romance se consolida como gênero. Esta comunicação objetiva investigar, interdisciplinarmente, o papel da literatura, especialmente o romance, na construção da imagem de nação em Angola, país que não viveu a experiência estético-ideológica do Romantismo, e que ficou apartado da experiência moderna de nação devido à colonização portuguesa. Serão utilizados como corpus os romances *Mayombe* (2013) de Pepetela e *Estação das chuvas* (2012) de José Eduardo Agualusa. Aporta-se, teoricamente, nas formulações do historiador Éric Hobsbawm sobre o surgimento das nações modernas, nas reflexões filosóficas de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Achille Mbembe sobre o devir e na teoria literária acerca do surgimento e da evolução do romance.

Palavras-chave: Devir-negro, *Mayombe*, Pepetela, Romance angolano

1. Introdução

Esta comunicação é resultado de uma investigação sobre como os conceitos de nação e identidade são representados em romances angolanos que têm a guerra colonial como fundo histórico, e em que medida essas obras podem ser concebidas como expressão de um gênero de escrita ficcional tão em crise quanto os sujeitos e países que representam. A abordagem se propõe interdisciplinar, valendo-se de perspectivas históricas, literárias, filosóficas e sociológicas. Analisar-se-ão também os efeitos do período (1961-1974) na produção literária pós-independência, a forma como Angola repensa ficcional e subjetivamente seu passado colonial e a ideia de nação a ser construída ou reconstruída depois desse período.

O romance é uma das principais fontes de conhecimento sobre a cultura e a história de países africanos, ex-colônias de nações europeias. Dentre outros fatores que podem justificar essa afirmação, estão o impulsionamento dado à circulação do gênero romanesco e o papel dos escritores nas lutas pela independência. O interesse do público pela literatura produzida



nesses países é verificável pelo mercado editorial que cada vez mais investe na publicação, tradução e distribuição das obras de autores da África.

Reconstruir narrativamente o passado colonial, quando não se encontram mais sob a sombra da censura colonialista, confere aos autores a liberdade de, performaticamente, ficcionalizar a história de suas nações. Em Angola, essa ficcionalização, porém, não se dá por meio das línguas locais. A literatura impressa na ex-colônia tem origem no século dezenove e utiliza como código o português, língua oficial da África lusófona.

Nos países colonizados, as línguas nativas, apesar de utilizadas pelos falantes, não são as línguas por meio das quais se expressam literariamente, cabendo à oficial, ou seja, ao português essa função. A língua é um dos principais elementos de identificação de um povo, cultura, nação e, por conseguinte, de construção de uma identidade nacional. Entretanto, nos romances escolhidos como corpus, o nacionalismo será analisado a partir de suas metáforas; e a identidade, como devir; não pelo papel desempenhado pela língua.

A luta anticolonial é tema do romance *Estação das Chuvas* de José Eduardo Agualusa. No livro, o escritor angolano cria uma personagem fictícia, a poeta Lídia do Carmo Ferreira. Sua origem e trajetória são narradas paralelamente, buscando verossimilhança na utilização de entrevistas, diários, notícias e outros gêneros jornalísticos, criando no leitor a crença na existência real da personagem, já que ela convive com importantes figuras da história oficial de Angola, como os poetas Agostinho Neto, que se tornou o primeiro presidente do país independente, Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade.

Em *Mayombe*, de Pepetela, a narrativa se concentra nas ações de um grupo de guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que avança a densidade da floresta para combater as tropas portuguesas. São confrontados também com suas diferenças motivadas pelas culturas tribais, preconceitos e discriminação contra os de origem mestiça. É importante ressaltar que Pepetela participou ativamente da guerra pela libertação do país, o que confere conotação autobiográfica de sua escrita sobre o tema

Nos dois romances, a ideia que os sujeitos constroem de suas nações será analisada a partir das metáforas produzidas subjetiva e coletivamente. Entretanto não se utiliza o termo nação numa concepção em que um território unificado por uma língua oficial reflita os valores culturais ditados pelo país de onde ela se origina. Os autores angolanos escolhidos constroem personagens cujas identidades são fortemente marcadas por hibridismos culturais e linguísticos, ou o que se pode considerar como devires identitários. O idioma do colonizador



passa por apropriações, abrogações, neologismos. As narrativas da tradição oral africana colaboram para a tessitura romanesca, pondo em xeque os modelos ocidentais de romance. A polifonia não ocorre apenas no âmbito dos discursos literários tradicionalmente impressos, mas também dos gêneros textuais da tradição oral: fábulas, provérbios, lendas, mitos.

A partir do hibridismo como resultado da experiência colonial, já bastante estudado por pesquisas que se valem da crítica pós-colonial como caminho teórico, as interrogações sobre a identidade (do sujeito, da nação e do próprio romance) serão abordadas como devir, seguindo o que postularam sobre o conceito os filósofos Gilles Deleuze, Félix Guattari e Achille Mbembe.

2. Literatura, Nacionalismo e Devir

As nações que compunham o território hoje conhecido como Angola emergem para o leitor por meio de signos que constroem metáforas para o seu reconhecimento durante a guerra e antes dela. Que efeitos a guerra colonial e o fim do imperialismo português produziram na forma e conteúdo de romances escritos sobre o tema, depois de 1975 em Angola, e em que medida isso afetou suas concepções sobre nacionalismo e identidade?

Tanto Portugal quanto Angola ficaram, durante mais da metade do século XX, apartados da experiência moderna do Ocidente sobre nação, estando ambos de 1961 a 1974 envolvidos na guerra colonial. Como a literatura desses países teve papel fundamental na construção de seus sentidos de nação e identidade, alguns romances publicados a partir de 1975 refletem identidades individuais e coletivas numa condição de reconstrução, num fazer-se contínuo, já que parte dos alicerces que as construiu foi demolida pela experiência da guerra. Essas identidades estariam mais próximas de devires do que de hibridismos, estes circunscreveriam a identidade numa polarização luso-africana apenas. Tanto a leitura de *Mayombe* quanto de *Estação das Chuvas* denota que a nação angolana sofreu influência de outras culturas durante a guerra, pela polarização ideológica que fez com que diferentes países da Europa e América interferissem na luta independentista.

A crise identitária vivida pelos sujeitos e pelas nações se reflete não apenas nos narradores e personagens, mas na própria composição do romance, gênero de produção ainda bastante incipiente no país. No caso angolano, os gêneros mais praticados e publicados eram conto e poesia, tendo Angola uma relação muito recente com a publicação e circulação de



romances, que são espelho da nação não apenas no plano do conteúdo, mas também da forma. Muito diferente do modelo ocidental, o romance burguês, cuja narrativa é centrada em indivíduos, a nação é a protagonista, sendo os personagens metáforas e metonímias da realidade política e cultural. Os territórios romanesco e geográfico estão sob uma base ainda “informe”.

A crítica pós-colonial é o principal caminho teórico para a análise desses romances. Para Homi Bhabha, essa perspectiva teórica “é testemunha das forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo” (BHABHA, 2013, p. 276). Os conceitos de “pedagógico” e “performativo” como forma de narrar a nação são essenciais para a abordagem das obras escolhidas como corpus.

O caráter performativo das narrativas contemporâneas dos países da África lusófona pode ser analisado a partir das concepções identitárias de povo-nação formuladas por Bhabha. Segundo o autor:

nação preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando esta perda na linguagem da metáfora. A metáfora, como sugere a etimologia da palavra, transporta o significado de casa e de sentir-se em casa através da meia-passagem ou das estepes da Europa Central, através daquelas distâncias e diferenças culturais, que transpõem a comunidade imaginada de povo-nação (BHABHA, 2013, p.228).

Para o crítico, “A cultura como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutória. Ela é transnacional porque os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural” (BHABHA, 2013, p.277). Os deslocamentos são marcas dos narradores e personagens dos romances analisados: os poetas/guerrilheiros de Agualusa; os guerrilheiros de diferentes tribos de Pepetela.

Kamila Krakowska, em *As viagens das nações pós-coloniais em Estação das chuvas e Terra sonâmbula* (2012), destaca que a condição pós-colonial é marcada por identidades híbridas, resultantes dos cruzamentos das fronteiras, exílios, migrações e uma série de outros motivos que fizeram os sujeitos se deslocarem de suas terras, Estados, nações de origem. Segundo ela, o tema da viagem é uma das marcas da narrativa colonial e pós-colonial.

No sentido moderno do termo nação, Angola só pode ser pensada a partir de 1975, quando deixa de pertencer a Portugal; este, somente após a Revolução dos Cravos (1974).



De acordo com Éric Hobsbawm, a ideia que, modernamente, temos de nação se construiu a partir de 1925. Ele alude ao *New English Dictionary* que, em 1908, apresentava ao termo um significado ligado à unidade étnica, apesar de posteriormente estar mais próximo da ideia de independência e unificação política. Acrescenta ainda que na era das revoluções, o conceito de nação estava ligado a algo uno e indivisível, “o corpo de cidadãos cuja soberania coletiva os constituía como um Estado concebido como sua expressão política” (HOBSBAWM, 2013, p. 32). Em *Mayombe*, Angola estava bem distante de ser concebida como una e indivisível. O romance é marcado por conflitos devido às diferenças tribais entre seus personagens oriundos de grupos étnicos variados como Kikongos, Umbundos, Quibundos, Bailundos, Cabindas; com culturas, línguas, tradições bem específicas; além de mestiços marcados pela discriminação racial.

A concepção de indivisibilidade só se construiria a partir do que Benedict Anderson cunhou como comunidade imaginada, estando a nação portuguesa bem mais próxima de uma nação imaginada do que Angola, que desde antes da presença do colonizador era um território dividido em várias nações caracterizadas, inclusive, por línguas diferentes. Em *Comunidades imaginadas* (2008), o historiador aponta a literatura como um dos produtos culturais do nacionalismo, e o romance como gênero de projeção da construção imaginada de comunidade.

Sobre o romance como obra literária que assume o papel de representação do imaginário africano, o crítico moçambicano Francisco Noa destaca a influência de um novo mercado editorial. Até os anos oitenta, tanto Angola quanto Moçambique eram pátrias de poetas, que foram atores fundamentais na luta independentista. Noa aponta o fato de ser o romance “gênero que aparentemente melhor se acomoda às exigências, oscilações e indefinições do mundo atual, crença numa maior possibilidade de êxito, entre outras.” (NOA, 2017, p.22), além de julgar que a realidade africana contém uma energia épica resultante das muitas lutas travadas ao longo da história.

3. Identidade e Devir

Em relação à perspectiva filosófica, o conceito de devir em Gilles Deleuze e Félix Guattari será o aporte teórico para a análise a seguir do projeto de escrita dos autores e identidade dos personagens frente a uma sociedade a se construir depois da erosão da guerra.



Para os dois filósofos, devir não significa correspondência, analogia, tampouco imitação; o que permite afastar o processo criativo concebido sob essa perspectiva da mimese aristotélica por exemplo. Os devires também não seriam mera imaginação. “Os devires animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são perfeitamente reais” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.18). Isso não significa que o homem se tornaria verdadeiramente um animal e animal outra coisa senão aquilo que é. Ocorre é que “O devir não produz outra coisa senão ele próprio” (Ibid, p. 19). O devir-animal do homem é o que se manifesta, por exemplo, nos campos de batalha, ou máquina de guerra.

Em termos de devir, nada é produzido por filiação ou evolução, mas por aliança de seres de origens completamente distintas de forma comunicativa e contagiosa como a simbiose. “Preferimos então chamar ‘involução’ essa forma de evolução que se faz entre heterogêneos, sobretudo com a condição de que não se confunda a involução com regressão. O devir é involutivo, a involução é criadora” (Ibid).

Em termos identitários, portanto, o homem é atravessado por multiplicidades de origens às quais se alia e se deixa contagiar. Esse processo, porém, não se trata de um regime acabado, constitui-se num fazer-se constante, conforme postulam os filósofos no excerto a seguir:

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estão em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornarmos (Ibid, p.73).

Mesmo trazendo para a ficção parte do vivível empiricamente, as obras transpõem os limites do biográfico historicizante e permitem que, por meio do exercício da linguagem, a literatura se imponha menos como representação da realidade do que como metáfora dela.

Estação das Chuvas e *Mayombe* apresentam faces distintas da guerra colonial. Os protagonistas do romance de Agualusa são poetas, intelectuais, muitos com formação universitária adquirida em Portugal, na Casa dos Estudantes do Império. Em *Mayombe*, os guerrilheiros são em sua maioria angolanos de formação básica, unidos apenas pela necessidade de derrotar o inimigo comum: o soldado português escondido sob as sombras da floresta.



Lídia do Carmo Ferreira, poeta fictícia de *Estação das Chuvas*, é metáfora da história da nação em construção. Depois de todo seu engajamento, decepciona-se com o resultado da revolução. A Angola que deveria ser um país livre, mergulha numa crise política devido à cisão no corpo dos movimentos revolucionários (MPLA e UNITA), tendo como consequência uma guerra civil que se estendeu até 2002.

Os nomes dos personagens de *Mayombe*: Teoria, Milagre, Lutamos, Sem Medo expressam diferentes posturas, tribos e formação ideológica que compunham o corpo de combatentes pela independência e os territórios que posteriormente se tornariam a Angola unificada.

O nacionalismo não se expressa por meio do discurso idealizador da pátria tal qual ocorre, por exemplo, em romances como *O guarani* e *Iracema*, com suas visões totalizadoras e homogêneas dos indivíduos e da realidade tão comuns ao romance burguês em ascensão no século XIX. As metáforas do encontro do nativo com o colonizador estão, no romance angolano, bem distantes do que na literatura colonial brasileira criou a imagem de convivência harmônica por meio de Peris, Cecis, Martins e Iracemas.

Pensar tais obras e seus personagens, bem como a nação que se constrói por meio deles um caso de devir, significa compreendê-los como objetos atravessados por diferentes realidades e possibilidades, ainda em construção. Mesmo com a extinção da política colonial na maioria dos territórios do mundo; outro fenômeno tem promovido diásporas, exílios, novas configurações de racismos: trata-se da migração, seja por razões políticas, conflitos étnicos ou religiosos, guerras, questões climáticas. Assim como a colonização foi uma forma de repovoamento de muitas regiões do planeta, o mesmo ocorrerá com as migrações, seguindo o pensamento de Achille Mbembe. Os significantes metafóricos da nação angolana contidos em *Mayombe* e *Estação das chuvas* encontram seus significados no conflito, no trânsito, na contradição, no devir; não no que Angola se tornou em virtude da experiência da guerra colonial, mas naquilo em que o país, seus sujeitos e sua literatura ainda podem vir a se tornar.

4. Considerações finais

Nesta comunicação realizaram-se apenas alguns apontamentos de uma pesquisa de doutorado ainda em fase inicial. Concentrei-me principalmente numa apresentação teórico-conceitual a fim de melhor esboçar os primeiros percursos do trabalho, sem uma análise



aprofundada dos romances que compõem o corpus. A experiência angolana enquanto nação no sentido moderno do termo empregado por Éric Hobsbawm é tão incipiente quanto a produção romanesca do país sem a censura colonial. Após cinco séculos de presença europeia em seu território, a própria concepção de sujeito angolano também se apresenta afetada por hibridismos linguísticos, culturais e identitários que constituem os devires da nação e da literatura que se formam.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *Estação das chuvas*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2012.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE e GUATTARI. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

KRAKOWSKA, Kamila. As viagens das nações pós-coloniais em *Estação das chuvas e Terra sonâmbula*. In: LEITE, Ana Mafalda et al (Org.) *Nação e narrativa pós-colonial I*. Lisboa: Edições Colibri, 2012. p. 169-183.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidade e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana*. São Paulo: Kapulana, 2017.

PEPETELA. *Mayombe*. Rio de Janeiro: Leya, 2013.



VII ENLETRARTE

Encontro Nacional dos Professores de Letras e Artes
DO PAPEL AO PALCO: ATOS DE RESISTÊNCIA

02 a 04 de Outubro de 2018
Campos dos Goytacazes/RJ